

**Caderno de Leituras n. 106**

# **Dois ensaios breves de Daniel Sada**

**SELEÇÃO, TRADUÇÃO E NOTAS**

**Gabriel Bueno da Costa**

# Nota da editora

Reunimos aqui dois ensaios de Daniel Sada (1953-2011), publicados na imprensa mexicana: “Assim escrevo” foi publicado na revista Nexos, em maio de 2010; “O conto e suas fórmulas” foi publicado originalmente em “El buscavidas”, coluna do jornal Reforma, em 5 de abril de 1998. Posteriormente esses textos foram recolhidos em *El temple deslumbrante – Antología de textos no narrativos de Daniel Sada* (Posdata Editores, 2014), organizada por Héctor Iván González e Adriana Jiménez, viúva do autor e a quem agradecemos a autorização para esta publicação.

# Assim escrevo

**1** Na medida do possível, busco não ser um autor de ideias fixas nem incorrer em monólogos autocomplacentes sobre arte e literatura; estou disposto a aprender sempre de tudo e de todos. Apesar disso, na minha opinião, há assuntos essenciais e uma imensa gama de sutilezas que preciso distinguir o quanto antes. Sobre esta última, faço constantes modificações, a ponto de não permitir que minha capacidade de assombro diminua; em geral, gostaria de ver as coisas como se fosse uma primeira vez. Em relação aos assuntos essenciais, não tenho alternativa a não ser defendê-los durante toda a minha vida, inclusive na contracorrente e mesmo quando estiverem ameaçados por eventualidades de todo tipo. Nesse sentido, me assumo como um personagem trágico ou como um romântico incorrigível.

**2** Prefiro as manhãs para escrever porque sinto que posso imaginar mais coisas, também porque experimento maior frescor, além de me concentrar melhor e com um ânimo crescente. Quando eu era um burocrata exemplar, escrevia das quatro às sete da manhã. Assim pude acabar dois romances e um livro de contos. Por outro lado, em relação à escrita, odeio as tardes e as noites. Esse tempo, dedico à leitura e à convivência. Mas tampouco sou determinista: posso ficar horas entretido em apenas uma página e sem nenhum sentimento de culpa. Quando sinto que escrevo por desespero ou angústia, ou por mero ofício, costumo

me bloquear e prefiro fazer outra coisa. Para mim, escrever é um ato prazeroso, cheio de matizes e descobertas, porque o entusiasmo total se impõe sobre mim, mesmo quando eu tenho que abordar situações sinistras ou ideias perversas. Se for para sofrer com a literatura, escolho uma atividade mais mundana e concreta. Durante um tempo, fui comerciante em La Merced.<sup>1</sup> Fui muito feliz.

**3** Não invejo ninguém, apenas admiro ou ignoro. Quando sinto que a inveja me corrói, procuro fazer um ato de contrição e me arrepender de imediato. Se um livro não me agrada, não há argumentação no mundo que me convença do contrário. Em literatura, nunca fui democrático porque – de todo modo – estou convencido de que o gosto pessoal não determina a qualidade de um livro. Tem gente que prefere Los Tigres del Norte a Mozart ou Bach, ou gente que prefere Carlos Cuauhtémoc Sánchez a Miguel de Cervantes.<sup>2</sup> Tudo é legítimo nesse mundo assolado por confusões, por isso a admiração deve ser absolutamente sólida e à prova de tudo.

**4** Para mim é importante adquirir um ritmo na prosa. Eu não perdo a inépcia auditiva por mais brilhantes que sejam as ideias. O ritmo auxilia a concentração do leitor. Às vezes, posso levar várias semanas ou vários meses para encontrar um ritmo. Se ao longo de um ano não encontro

1 [Nota do tradutor] Grande mercado de alimentos da Cidade do México.

2 [N.t.] Los Tigres del Norte é um grupo de música regional, do Norte do México, e Carlos Cuauhtémoc Sánchez é escritor best-seller do país.

o que busco, me satisfaz queimar o que tiver escrito. Já realizei esse procedimento destrutivo com imenso prazer. Viraram cinzas passagens consideráveis de romances e contos. Queimar o que não serve me coloca quase em estado de graça para depois arremeter com fé e encontrar um equilíbrio plausível entre frases longas, médias e curtas, além de incidir com precisão no ponto de vista narrativo. Nos contos, privilegio o aspecto anedótico, enquanto nos romances faço uma análise minuciosa dos personagens, sobretudo dos protagonistas, porque devo saber muito mais sobre eles do que aquilo que deixo no papel.

**5** Com relação à estrutura, ir de trás para frente é meu método de composição dramática. Sempre gosto de vislumbrar um final possível, mesmo quando, no processo da escrita, emendo-o por completo. Quero saber sempre aonde vou, de modo que imagino o que antecede os fatos. A narração é um devaneio entre causas e efeitos. Se tenho um final hipotético, já não me sinto metido numa rua sem saída.

**6** Fujo das vanguardas, como também fujo de tudo o que cheire a tradicional ou canônico. Tento fazer com que meu território narrativo seja fértil, mas concentrado. Na literatura, não me interessa a liberdade absoluta, tampouco a rigidez acanhada. É nessa linha tênue que transito sem nenhum medo. Na verdade, o único terror verdadeiro que sinto é de cair na solenidade: esse padecimento histórico que caracteriza a literatura mexicana. Todo tipo de impostação não é mais que reflexo de um temperamento complexado. Tampouco caio no extremo da vulgaridade nem na ênfase da expressão desleixada. Repito: meu território estético

é concentrado. Imponho-me essa visão para não me sentir um semideus antipático. Ninguém me afasta da ideia de que o pior que pode acontecer a um autor é reconhecer-se como conservador e convencional.

**7** A literatura é feita de talento e laboriosidade. Nada mais e nada menos. Repito isso para mim como se tivesse de fazer uma penitência diária.

**8** Talvez nada do que tenha dito seja certo e o mais acertado seja ser um grilo maravilhoso. Também pode ser.

# O conto e suas fórmulas

De todos os gêneros, talvez o conto seja o que menos tenha se renovado. Dói dizê-lo, mas a inércia geral se mostra cada vez mais óbvia: ante a falta de perspicácia na própria percepção, centenas de contistas se valem das fórmulas mais buscadas, e aí estão à mão estes ou aqueles receituários reciclados em oficinas, cursos, palestras, seminários e outros, tendo em conta que a obstinação – doutra? –, sendo enfática, é também surrada, quando não sabichona. Ainda assim, o gênero, outrora encantador, esconde algumas luzes e, inclusive, maior amplidão: o esforço dos críticos é sistemático e é comum que passe quase sempre pela via do consabido, enquanto a fascinação dos leitores, vagarosa, não formulada e, sobretudo, imprevisível, apresenta-se talvez como um devaneio marginal.

Talvez a certeza não devesse ser tão contundente, contanto que se considerem alguns casos de exceção; mas as leis do conto nunca deixaram de ser rígidas, e o maquinário de imitadores funciona ainda como uma novidade contínua. É preciso colocar os óculos do exegeta moderno para apreciar algumas – não muitas – peculiaridades de detalhe, fazendo comparações analíticas a torto e a direito: aquele ponto de vista parecido com... fulano; aquela frase-chave surpreendentemente lida em... onde?; aquela minúcia supostamente inédita, mas não; aquele encadeamento paradoxal que mais ou menos se

distingue de algum já calibrado em outro autor, e daí para trás ou como seja; de tal modo que, para quem ama as histórias curtas, não lhe reste alternativa a não ser almejar um bom estado de saúde – precisará disso, como também de um certo grau de ansiedade sustentada – para se lançar na busca de reiteraões e mais reiteraões.

Trata-se de uma tendência à praticidade que asfixia, e são os próprios contistas que se encarregaram de manter o gênero em perpétua agonia. Não se prevê sua morte porque, por sorte, sobrevivem as fórmulas inequívocas: eis aí os finais surpreendentes (fórmula O. Henry); a ajustada equação exposição-desenvolvimento-desfecho (fórmula Maupassant); a mecânica do drama: as coisas partem da normalidade, depois se complicam e voltam à normalidade (fórmula Cortázar); os finais abertos, mas com uma moral insinuada (fórmula Moravia); a segunda intenção ou subtrama evanescente (fórmula Sherwood Anderson); a reflexão anteposta ao desenvolvimento, como postulado de um terror sublime (fórmula Poe); o ambiente, o clima, a própria geografia, que em grande medida propiciam alguma estranha situação e determinam as ações dos personagens (fórmula Quiroga), etc. O receituário exposto é, sem dúvida, despido de um propósito constante, meramente alusivo por questões de espaço, mas faltariam, sem dúvida, alguns – quatro ao menos – mais extensos e mais estruturados, por exemplo: o do conto fantástico, o da ficção científica, dois de cada um, enquanto do realismo, todos os possíveis. Vale também a miscelânea, por que não?; a originalidade começa pelas saladas, mas cuidado! Contanto que se respeitem as leis, já que, se não for assim, os puristas do conto estarão prontos a lançar todas as suas flechas.



Na matéria contística em si, o descrédito se transformou em um estigma reacionário, em um “dever ser” exasperado e quase inflexível. É exigido que todo autor conte com um vasto capital de tentativas temerárias preconcebidas, contudo, de um modo ou de outro, por acaso uma reunião tão vasta lhe servirá para as análises objetivas? – será? –, mas não para a criação propriamente dita, que é outro assunto que, precisamente, oferece mais mistérios e maiores indeterminações. O próprio fato de imaginar coloca questões que muitas vezes são arbitrárias. A incerteza aumenta à medida que o autor avança na ficção, de tal modo que o enigma criado, ou descoberto mais tarde, possa se reforçar ou não, mas jamais se decifra; fazê-lo seria inútil, seria explicativo, quase sempre enganoso, e o pior: entediante. Desse modo, então, para que impor a si mesmo questões de criação se tudo já está codificado?; lhe resultará, portanto, muito mais cômodo para o autor se valer das fórmulas, sabendo que são prestigiosas e que ninguém o irá repreender.

Agora vejamos, qualquer bruxo aprendiz pode argumentar que não há verdadeira inovação se antes não houver uma verdadeira assimilação. De acordo, sim: não há dúvida de que toda verdade é mais simples do que alguém poderia supor, só que, por sua extensão na maioria das vezes limitada, no conto quase tudo se nota: faltam mais páginas para encobrir as fórmulas ou maior imaginação para dissolvê-las; falta uma boa dose de radicalidade para escrever no limite da percepção; falta, enfim, maior espírito de aventura para conceber o conto não mais como um terreno demarcado, mas sim como um campo – até então não muito vasto – de experimentação, com outros

meios de cercá-lo e outros relevos. É desejável – já que muitas vezes se almeja – que uma história curta se estenda a quarenta, cinquenta, sessenta e cinco ou mais páginas, porque é mais importante o desenvolvimento dos personagens ou das situações que as exigências do gênero, exigência limitada quase sempre ao engenho fugaz ou ao gracejo enfeitado; estão aí de novo os exemplos: Tchekhov, Faulkner, Poe, James, Borges, Kafka, vozes que no princípio assimilaram tradições, mas que, ao buscar um registro próprio, as refutaram por meio de suas propostas pessoais. No fim das contas, os resultados provêm dos leitores, não dos exegetas. Estes últimos sempre gostam de vislumbrar nos modelos, desejam imitadores, recapituladores, contistas tímidos e submissos, para assim se sentirem mais seguros no momento de fazer seus comentários.

Ao se postular como um gênero inflexível, encerrado em seus próprios cânones, ninguém deve estranhar que o conto esteja cada vez mais em baixa. Será por que as fórmulas não se diferenciam tanto umas das outras ou por que, em última instância, ler um conto não é tão diferente de ler uma receita bem argumentada? A saber se seria por essa ou outra razão: que existe carência de leitores (sempre houve!); que o livro é um artigo de luxo (sempre foi!); o fato é que é difícil, por exemplo, ler do início ao fim uma antologia qualquer, em geral, se leem quatro ou cinco contos e isso já é o suficiente.

Com o risco de cair no lugar-comum, ou em alguma fórmula reconhecível, vale dizer que o público quer romances (o gênero aglutinador); ensaios, se são longos melhor; filmes, se são excitantes, festivos

ou exagerados<sup>1</sup>, melhor; e, mais recentemente, uma ou outra telenovela desinibida. Será por que nesses gêneros se explora com maior eficácia o conhecimento da natureza humana? Talvez, mas o que parece sim ser um sintoma destes tempos é que ninguém mais quer ser catador de engenhosidades recicladas até se empanturrar; para isso já temos as piadas ou as conversas de bar.

1 [N.t.] “Tremendistas”, no original. Esta palavra remete aos romances espanhóis dos anos 1940, com tramas cruas, violência recorrente e tratamento duro em relação aos personagens que eram, em geral, figuras marginalizadas.

## **Caderno de Leituras n.106**

Dois ensaios breves de Daniel Sada

**Coordenação editorial** Maria Carolina Fenati

**Coordenação de arte** Luísa Rabello

**Seleção, tradução e notas** Gabriel Bueno da Costa

**Revisão da tradução** Clarissa Xavier

**Revisão do português** Flávia Durães

**Projeto gráfico** Rita Davis

Composto em UnB Pro e Balboa

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, junho de 2020

Esta e outras publicações da editora estão disponíveis em [www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)

Este projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Patrocínio UniBH. Projeto 0699/2017.

REALIZAÇÃO

**unibh**



INCENTIVO

**LMIC**  
LEI MUNICIPAL DE  
INCENTIVO À CULTURA

CULTURA



**PREFEITURA  
BELO HORIZONTE**